

os corpos são isolados com material próprio, para impedir a sudorese. “As roupas são opção da família, se querem trazer de casa ou usar os conjuntos da funerária”, conta a tanatopraxista.

Em relação à maquiagem, a profissional tem uma maleta grande e vários estojos nos quais carrega bases, pós, batons, rímel e sombras. “Às vezes, tem batom que eu ganho e não uso, aí guardo para maquiar mortos. Não é porque a pessoa já se foi que tem que usar produtos velhos”, defende, como forma de humanizar seu trabalho.

Cuidados

A profissional expõe que a equipe, composta por cinco funcionários, tem o cuidado de consultar a família sobre quais orientações devem seguir, por exemplo, se desejam que tirem a barba, como desejam ou não a maquiagem. Ela diz que, muitas vezes, o óbito ocorre no hospital, deixando marcas de roxo na pele em razão dos procedimentos. Por isso, existe uma preocupação em tornar a aparência do morto o mais natural possível. Além dos cosméticos, Arlene dispõe de perfumes femininos, masculinos e para bebês. Quando necessário, inclusive, a equipe compra roupas e acessórios para atender às demandas da família.

“Uma vez, a família trouxe tinta para pintar o cabelo do senhor, que ficou muito tempo internado e estava com os fios brancos. Outra vez, a mãe da menina pediu para pintarmos as unhas dela. Quando é mulher, perguntamos se ela costumava se maquiar, qual o tom do batom. Com a base, faço uma misturinha e testo na mão para depois passar no rosto. O que a família me pedir para usar, eu tenho”, descreve a necromaquiadora.

Por lidarem com riscos biológicos de contaminação por doenças, como hepatite e HIV/AIDS, os funcionários também trabalham com equipamentos de proteção individual (EPI), como luvas e máscaras, e são submetidos a exames constantes para verificar a saúde deles.

Memória e respeito

Para dona Arlene, a profissão é sua grande paixão, mas ao mesmo tempo, ver o sofrimento das famílias é difícil. Por isso, os funcionários passam por treinamentos constantes para lidar com a situação de forma humana e respeitosa. “Os médicos resgatam vidas; e nós, do pós-morte,

Júlia Giusti/ CB press



Maleta de maquiagens de Arlene

Júlia Giusti/ CB press



Sombras para necromaquiagem

resgatamos as memórias”, diz. Para ela, isso é essencial, pois “é muito triste a pessoa partir e não ser lembrada”.

Na Serlluz, os profissionais também trabalham em regime de plantão, atendendo a chamados de remoção de corpos a qualquer

hora do dia ou da noite. “Às vezes, trasladando um óbito de madrugada, publico que estou transportando o amor da vida de alguém”, compartilha a tanatopraxista, na tentativa de tornar a partida de um ente querido mais leve e menos dolorosa.

Júlia Giusti/ CB press



Conjuntos masculinos da funerária

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Arlene consulta a família sobre os procedimentos

Ela conta que sempre guia seu trabalho pelo respeito, desde a adoção de processos específicos a depender da religião das famílias até o cuidado com o posicionamento dos óbitos e a referência a eles pelo nome da pessoa. Arlene também costuma conversar com

eles antes da preparação.

“Não deixo ninguém bater com a cabeça do falecido na mesa nem fazer brincadeiras com sua morte, porque ali há um ser humano que partiu, mas que tem todo um legado”, destaca. Ela se recorda, com carinho, do relato de uma cliente que ficou tocada com os serviços prestados: “Eu não fiz nada, apenas dei-lhe atendimento humanizado e com respeito à morte do parente dela”.

Casos marcantes

Para dona Arlene, os casos mais complexos envolvem mortes por suicídio, pois deixam um clima pesado no ar. Além disso, ela considera como mais desafiadores aqueles em que as vítimas são crianças. Desses, ela destaca dois como mais marcantes em sua trajetória profissional: de um garoto de sete anos que faleceu de dengue hemorrágica e de uma menina de 12 anos que ficou três meses internada e não resistiu à covid-19.

“Eu fiquei um bom tempo com os pais dele, porque é muito doído entregar uma criança. Já a menina, os pais nem podiam vê-la, porque, na época, a transmissão do vírus era alta e não se tinha muito conhecimento sobre a doença”, reflete, com pesar. Para a necromaquiadora, o que mais lhe marcou no segundo caso foi a barreira física: “O pai e a mãe ficaram abraçados no portão; não puderam entrar para o sepultamento”.

Em outras situações, a equipe se surpreende com a reação dos familiares ao luto, que trazem, por exemplo, meias e blusa de frio para vestir o falecido, que era “frio-rento”, ou pedem para colocar nele uma touca de que gostava. “O falecido não vai precisar disso, mas a gente cuida desses detalhes, porque a família não vai mais ver aquela pessoa. Então, que aquela lembrança se torne boa”, explica Arlene.

Reconhecimento

Apesar das histórias tristes e difíceis, a tanatopraxista percebe que seu trabalho é gratificante, enquanto meio de trazer conforto à perda de um ente querido. Porém, infelizmente, ela diz que a profissão não é regulamentada. Hoje, só existem formações técnicas na área, por isso, a profissional defende a criação de cursos superiores: “A teoria é simples, mas a prática, complexa”. Mesmo com esse empecilho, ela não vai desistir: “Gosto muito do que faço”.

Estagiária sob supervisão de Ana Sá